



À medida que vários incêndios florestais assolam Los Angeles, causando níveis de destruição sem precedentes, o orçamento da cidade está sob escrutínio. É um exemplo de desinformação que se espalhou durante a crise - e um sinal dos cálculos cada vez mais complicados que as cidades terão de fazer para enfrentar a realidade das alterações climáticas.

Vários artigos criticaram a prefeita de Los Angeles, Karen Bass, por cortar o orçamento do corpo de bombeiros em cerca de US\$ 23 milhões (enquanto canalizava mais dinheiro para a polícia), mas essa avaliação não é totalmente precisa. Embora o orçamento para 2024-25 aprovado tenha apresentado um déficit, ele não reflete um Memorando de Entendimento que foi finalizado em novembro, dando ao Corpo de Bombeiros de Los Angeles um adicional de US\$ 76 milhões, confirmou o gabinete do membro do conselho Bob Blumenfield, resultando em um Aumento do orçamento de US\$ 53 milhões em comparação com o ano anterior.

Ainda assim, a LAFD está subfinanciada em relação às necessidades da cidade. E muito antes dos incêndios de Janeiro, as autoridades diziam que a cidade tinha ultrapassado o tamanho do seu corpo de bombeiros. É compreensível que o público esteja preocupado com os recursos, já que a grande Los Angeles lida com incêndios incrivelmente prejudiciais e difíceis de conter. Mas os especialistas dizem que um âmbito restrito não capta o quadro completo e complicado dos orçamentos das cidades, ou dos recursos necessários para combater as alterações climáticas - e as condições meteorológicas extremas que estas agravam - de uma forma significativa.



O que você vai ler:



- [Múltiplas jurisdições em jogo](#)
- [Olhando além dos números do orçamento](#)
- [Preparando-se para futuros desastres](#)

Múltiplas jurisdições em jogo

Os governos locais estão a registar impactos maiores das alterações climáticas e, embora a maioria tenha departamentos de gestão de emergências, é difícil preparar-se para algo que nunca aconteceu antes – seja um furacão que atinge as montanhas da Carolina do Norte ou um incêndio florestal que deflagra durante uma seca recorde. e ventos.

Para uma área como Los Angeles, que fica perto de tantas outras cidades, não é apenas o orçamento de Los Angeles que está em jogo. Algumas das jurisdições afetadas pelos incêndios, como Malibu e Santa Mónica, têm os seus próprios departamentos de gestão de emergências, bem como acordos de ajuda mútua nos quais os municípios vizinhos se comprometem a ajudar-se mutuamente, diz Carlos Martín, arquiteto e engenheiro que trabalha em habitação e preparação para desastres.

“Tudo isto para dizer que é uma vasta gama de jurisdições e níveis de governo que desempenham um papel aqui”, diz ele (embora observe que a maioria deles são subfinanciados, o que é uma questão ampla). As cidades também dependem dos condados para obter [financiamento](#), e os condados então pedem aos governos estaduais ou federais apoio para desastres. Cada vez mais, as cidades dependem do governo federal, diz Martín, porque “os recursos simplesmente não existem localmente e os danos são muito maiores do que alguém alguma vez previu”.

(E quanto financiamento federal estará disponível sob o novo presidente Donald Trump ainda não se sabe; durante os incêndios florestais mortais de 2018 na Califórnia, ele inicialmente reteve a ajuda para desastres até ver que muitos residentes afetados votaram nele. Desde então, ele reiterou ameaças de reter a ajuda no futuro.)

Olhando além dos números do orçamento

Apenas comparar os totais do orçamento não mostra a imagem completa daquilo em que uma cidade está investindo. “Simplesmente cortar um orçamento ou aumentar um orçamento não significa que isso terá o impacto (certo)”, diz Jason Grant, diretor de a Agência [Internacional](#) de Gestão de Cidades/Condados (ICMA), uma associação nacional de mais de 13.000 funcionários do governo local. “O que estamos tentando resolver?” ele pergunta. “Esse precisa ser o foco.”



Se o orçamento de um corpo de bombeiros fosse cortado e isso significasse que não seria possível aumentar a capacidade ou comprar o equipamento necessário, isso é uma coisa. Se um orçamento aumentasse porque todos receberam um aumento, mas nenhum pessoal foi contratado, isso teria feito alguma diferença na resposta? O foco precisa ser: “O que estamos financiando e não financiando”, diz Grant, “e como isso nos ajudará a resolver as preocupações que enfrentamos aqui em nossa comunidade”.

A LAFD precisa de mais financiamento; cortes em coisas como horas extras já criaram desafios operacionais, disse o chefe do departamento. Mas alguns dos cortes recentes eliminaram vagas, liberando dinheiro para novas classes e equipamentos. E é difícil saber até que ponto a mudança do orçamento de 2024-25 teria ajudado numa situação tão devastadora como esta – em que hidrantes foram aproveitados num esforço para apagar centenas de incêndios domésticos, em comparação com o típico ou dois que foram concebidos. Para; em meio a ventos fortes recorde que aterraram aeronaves que lançavam água enquanto espalhavam chamas e carregavam brasas por toda parte; e em que uma série de eventos climáticos se uniram para criar as condições perfeitas para o desastre. “Nossa infraestrutura não está bem preparada para isso”, diz Martín.

Existem maneiras pelas quais o aumento do orçamento poderia ter ajudado, certamente, em equipamentos específicos ou recursos adicionais. Mas, novamente, é difícil preparar-se para um evento sem precedentes.

Preparando-se para futuros desastres

Mesmo que o corpo de bombeiros tivesse um orçamento maior, isso não significaria necessariamente que LA – ou qualquer outra cidade – estaria preparada para o próximo desastre. E a atribuição de fundos à resposta a emergências trata apenas de um aspecto do desafio. As cidades também precisam de investir mais dinheiro na adaptação e mitigação climática. Estudos descobriram que cada dólar investido na mitigação de desastres economiza até 13 dólares em perdas causadas por desastres.

“É como tomar um comprimido para prevenir a doença e não tratar a doença depois”, diz Martín. “É assim que temos de começar a pensar sobre estes acontecimentos: o que costumávamos considerar como crises individuais (agora são) coisas crônicas.”

É difícil direcionar a conversa sobre esses incêndios para um cenário mais amplo, quando as pessoas estão sofrendo agora, casas e vidas foram perdidas e bairros inteiros foram destruídos. Na verdade, os incêndios ainda estão ardendo, por isso é compreensível concentrar-se nos esforços para apagá-los e ajudar as pessoas a recuperarem. Garantir a [segurança](#) dos residentes “obviamente tem precedência neste momento”, diz Martín. Mas se não pudermos também começar a considerar estratégias de mitigação e prevenção, “então, quando é que vamos ter essa conversa?” ele pergunta.

Um mês após a chegada do furacão Harvey ao Texas em 2017 – considerado o ciclone



tropical mais chuvoso já registado nos EUA - as autoridades propuseram uma importante medida de garantia de controlo de inundações. Embora só tenha sido aprovado um ano depois, é notável o fato de os legisladores terem pensado nisso enquanto o Texas ainda se recuperava. É também um sinal de como tendemos a nos preparar para desastres apenas após um deles. Martín espera que outros possam aprender com os incêndios em Los Angeles para se prepararem melhor agora, em vez de esperarem pelas suas próprias tragédias.

É um equilíbrio difícil, especialmente para cidades com orçamentos limitados. E é um processo de aprendizagem. Os investimentos climáticos podem ser uma questão de tentativa e erro; exigem também uma reflexão a longo prazo que vai muito além da definição de um orçamento para um ano fiscal. As cidades podem aumentar a energia renovável e mudar as frotas de autocarros escolares para eléctricos como parte dos seus esforços de mitigação, mas isso provavelmente não impedirá que um desastre natural aconteça no próximo ano. O impacto climático dessas mudanças (e o financiamento que recebem) não é imediato.

As cidades têm de equilibrar todas estas questões: como preparar-se, como mitigar, como garantir que são capazes de responder quando algo acontece e como priorizar necessidades concorrentes. Essas conversas são mais importantes, diz Grant da ICMA, do que “apoiar nas segundas-feiras de manhã” itens orçamentários enquanto bairros inteiros pegam fogo. “A realidade é que estamos aqui. Como podemos evitar que esses incêndios se espalhem? Como podemos garantir que isso não aconteça novamente?”

À medida que LA começa a recuperar e reconstruir, idealmente, os incêndios tornar-se-ão um acontecimento marcante com o qual outras cidades do país aprenderão. Essas lições poderiam informar não apenas os futuros orçamentos dos bombeiros, mas também os esforços de mitigação, códigos de construção e leis de habitação, apólices de seguro, e assim por diante. Martín reflete sobre o Grande Incêndio de Chicago em 1871 e como sua devastação histórica levou a códigos de construção modernos e requisitos de seguro.

É este quadro complexo de adaptação, mitigação, resposta e recuperação que as autoridades municipais devem aprender a conciliar. “A última coisa que quero ver é que as pessoas invistam tanto na gestão de emergências e nos socorristas”, diz Martín, “e não pensem nas questões de planeamento a longo prazo e de equidade”.